

## O ROMANCE “O POÇO DA SOLIDÃO” E A POÉTICA DO SUJEITO: CAMINHADAS PELA CIDADE

*Eva Sibéria Medeiros Arnaud<sup>1</sup>*  
*Dra. Kyara Maria de Almeida Vieira<sup>2</sup>*

### RESUMO

O livro vanguardista “*O Poço da Solidão*”, de Marguerite Radclyffe Hall, traz o drama de sua personagem principal, que nasceu em um corpo de mulher, mas não se enxergava como tal. Nascida numa propriedade rural da Inglaterra, mais precisamente em Morton, foi aí que Stephen Gordon viveu boa parte de sua vida, acreditando que este era o único espaço onde ela poderia ser ela mesma: Morton a descrevia. Na idade adulta, ao sair da casa/ propriedade q tanto amava, foi morar em Paris. Stephen Gordon vê na capital francesa a possibilidade de uma vida com inúmeras experiências e sensibilidades que não seriam possíveis na sua propriedade rural. Assim, esse trabalho pretende discutir a história das cidades, em particular a Paris de fins do século XIX e início do XX, tendo como inspiração a relação entre História e Literatura. O romance “*O Poço da Solidão*” nos estimulou a problematizar a cidade enquanto espaço praticado, espaço de oportunidades de vivência/ convivência para/entre sujeitos de vários setores sociais, espaço que inclui e exclui.

**Palavras-chave:** Cidade; História; Literatura; Sexualidade.

Esse artigo é um trabalho feito a quatro mãos. Tendo como inspiração o livro vanguardista “**O Poço da Solidão**”, de Marguerite Radclyffe Hall, tem como objetivos analisar as experiências e encontros com a diferença de Stephen Gordon na propriedade de Morton; discutir a cidade de Londres enquanto espaço de produção de si e da poética do sujeito; problematizar a cidade de Paris enquanto o lugar de encontro consigo mesma e com os “outros”.

O referido romance traz o drama de sua personagem principal, que nasceu em um corpo de mulher, mas não se enxergava como tal. Nascida numa propriedade rural da Inglaterra, mais precisamente em Morton, foi aí que Stephen Gordon viveu boa parte de sua vida, acreditando que este era o único espaço onde ela poderia ser ela mesma Na idade adulta, ao sair da casa/ propriedade q tanto amava, foi morar em Londres e depois em Paris, duas das maiores cidades do ocidente entre fins do século XIX e início do século XX, recorte temporal que demarca a trama.

O romance “**O Poço da Solidão**” nos estimulou a problematizar a cidade enquanto espaço praticado, espaço de oportunidades de vivência/ convivência para/entre sujeitos de vários setores sociais, espaço que inclui e exclui. Para Certeau (1998, p. 201), o lugar é “[...] uma configuração instantânea de posições. Implica uma relação de estabilidade.” Seria

<sup>1</sup> Graduanda em História-DHC-UFRN/CERES

<sup>2</sup> Pós-Doutoranda em História-UFCG/PPGH/PNPd; Grupo Flor e Flor Estudos de Gênero-CNPq

possível entender o lugar como uma rua, uma praça – quando planejada e construída –, como a malha viária de uma cidade, ausente de significado. Já o espaço, segundo Certeau, seria a prática do lugar: como os sujeitos o transformam a partir das suas ocupações, apropriações e vivências. Os sujeitos, em seus itinerários cotidianos, simbolizam o lugar a partir das interferências, tanto corporais quanto cognitivas, nessas configurações físicas. São os passos que moldam os lugares e os transformam em espaços (CERTEAU, 1998, p. 176).

Marguerite Radclyffe Hall, poetisa e romancista inglesa, nasceu no Condado de Hants, em Bournemouth, em 1886. Faleceu em Londres, aos 7 de outubro de 1943. Radclyffe Hall teve algumas companheiras, e assim como sua personagem, se vestia com trajes associados ao masculino. Entre as companheiras de Hall, uma das mais conhecidas é Lady Troubridge (nascida Margot Elena Gertrude Taylor - 08 de março de 1887, falecida em 24 de setembro de 1963)

Contam-se outras obras da autora Radclyffe Hall, porém sua obra-prima foi **O Poço da Solidão**. Obra discutida e causadora de grande escândalo na época de sua publicação (1928), teve sua publicação proibida na Inglaterra e nos Estados Unidos, mas vozes de outros escritores levantaram-se em favor da autora e na defesa de seus direitos, conseguindo que um tribunal norte-americano liberasse a circulação do livro e desde então, tem sido amplamente divulgado devido seu valor enquanto estudo psicológico e sociológico. O romance ora abordado apresenta o tema do amor/desejo entre mulheres, mas possui uma trama bem mais complexa, ao detalhar as práticas cotidianas do interior da Inglaterra, de Londres e de Paris. Nessa perspectiva, no discurso literário, entendemos que a palavra é performativa, ela se duplica numa atuação da dubiedade do dizer, o que ela diz não é o que pode ser apanhado no primeiro momento, mas o que pode ser entrevisto ao longo de sua atuação, sempre numa performance do segredo, do esconder-se, da possibilidade de ser tudo e, no mesmo instante, ser o nada: “Tendo em vista que a literatura (...) implica em princípio o direito de tudo dizer e de tudo esconder, no que ela é inseparável de uma democracia por vir.” (DERRIDA, 1999, p. 206 apud PIMENTEL, 2012).

A trama de **O Poço da Solidão** inicia com os questionamentos de uma casa acerca do nascimento de seu rebento após vários anos de casamento. Decepcionados com o nascimento de uma filha, Stephen Gordon, os pais dão-lhe educação de um menino. Daí advém toda uma série de problemas que ela tem que enfrentar em sua infância e adolescência. E mais dolorosa é sua situação na mocidade quando, oprimida pela sociedade, sofre com inquietações que não tem condições para resolver.

Desde seu nascimento, na propriedade rural de Morton, Stephen Gordon se percebia como parte daquilo tudo. As montanhas, as estações do ano, mais precisamente a primavera em Morton. A importância da vida livre, tanto no contato com a natureza e os animais, o cisne, o cavalo (Raftery e Collins). Na tradição das caçadas, Stephen era a única mulher a participar e era sempre a que tinha o melhor desempenho. Ainda criança, sua imersão no enorme jardim da propriedade permitia a Stephen um encontro com suas emoções pouco definidas, próprias da sua idade, mas também vinham pensamentos conflitantes que não eram entendidos, apenas sentidos. Estar ali, com tantas flores e inúmeras árvores que lhe acolhiam, faziam-na pensar na sua forma diferente de sentir-se e estar no mundo, como também era nesse ninho bucólico, que Stephen tentava entender como ficava constrangida com as provocações sofridas pelos seus vizinhos, os irmãos Violet e Robin Antrim, sempre fazendo-a sentir-se como um ser estranho.

Morton, sempre Morton. Capaz de dar sentido as suas tristezas e pensamentos não revelados, como, por exemplo, quando da chegada de Collins, a nova arrumadeira da Família Gordon, e que deixou Stephen hipnotizada ao vê-la pela primeira vez. Por que sentia como se nada mais em Morton existisse, apenas a jovem Collins? Qual a origem desse sentimento tão bom e tão asfixiante? Desde a tenra idade, o desejo/amor por mulheres compunha as sensações de Stephen. Não apenas seu corpo tomara aspectos e atributos associados ao masculino, como seus desejos se orientavam para mulheres.

Sir Philip Gordon, sempre atento às atitudes e expressões da sua filha, que tanto amava e por quem enfrentaria qualquer inimigo, resolveu que deveria dá a sua filha a educação necessária para que a mesma conseguisse enfrentar um mundo tão cruel e mais precisamente, seu pai sentia que sua filha teria que vencer não apenas por ser filha de quem era, mas pela sua própria capacidade de lutar e argumentar em prol de si mesma. Não por acaso, Sir Philip Gordon tentou se informar o quanto pode sobre as diferenças que percebia em sua filha, entre os autores citados na trama está Krafft Ebing, numa referência ao psiquiatra alemão Richard von Krafft-Ebing (1840-1902), que introduziu em sua obra conceitos como sadismo, masoquismo e fetichismo no estudo sobre o comportamento sexual. Foi professor de Psiquiatria da Universidade de Estrasburgo, e sua obra “*Psychopathia Sexualis* (1886) configurou uma das mais lidas e procuradas entre fins do século XIX e começo do XX, por aquelas pessoas que tentavam entender e se informar sobre as práticas da sexualidade que eram consideradas destoantes da heterossexualidade. Como Afirma Vieira (2014):

Os amores lesbianos rompiam (rompem) com a moral sexual que, a partir do século XIX, passou a atrair o interesse de diversas áreas, como a Psicanálise, a Sexologia, o Direito, provocando a efusão de discursos que estudou, denominou, reconheceu e recriminou as práticas de algumas mulheres que borravam a fronteira da função biológica da procriação, e de sua função social de salvaguardar a família, o lar, a educação dos filhos e o conforto do esposo. As mulheres que exercitaram os desejos e amor por outras mulheres seriam as “outras” mulheres, as quais foram enquadradas em sexualidades perigosas (VIEIRA, 2014, p. 109).

Como um dos investimentos de Sir Philip na educação de sua filha, chegou à propriedade de Morton, mademoiselle Pudle, literalmente uma lady, uma senhorita provida de excelente educação tanto nas leituras como na elegância e modos de portar-se. A empatia entre Stephen e srta. Pudle foi imediata, com olhares estranhamente familiares, e essa relação de carinho, amor maternal perpetuaria por toda a existência de ambos.

Diferentemente das emoções e sentimentos emanados por sua mãe, Stephen desde cedo percebeu que a srta. Pudle era alguém que a aceitava como ela era, com sua estranheza, sua forma incomum de ser para os padrões esperados pelos Gordon. Mademoiselle Pudle percebeu também como sua patroa Ana Gordon sentia-se incomodada com a estranheza da sua filha e a falta de demonstrações de afeto e carinho por parte da mãe para a filha. Srta. Pudle não poderia deixar de se solidarizar com Stephen, pois assim como sua própria vida, sabia de pronto as carências e angústias com as quais Stephen tinha que conviver. A despeito dessa opinião, a srta. Pudle não enganara-se, pois a sra. Gordon jamais aceitou a estranheza da sua filha, nunca permitiu um mínimo de intimidade entre ela e sua filha. Como sua mãe via a semelhança da filha com o pai: “Como se a pobre, inocente Stephen, com apenas sete anos, lhe parecesse, de certo modo, uma espécie de caricatura de Sir. Philip Gordon, uma reprodução dele, mas (...) defeituosa, mutilada, realmente falsa (...)” (HALL, 1970, p.20).

Mas, o tempo segue e a vida vai igualmente seguindo seu curso. Stephen sentia sua estranheza, porém nada podia fazer exceto conviver da melhor forma com esse fato e tentar deixar que a alegria de viver em Morton calasse o que não podia ser silenciado. Esse silêncio foi rompido quando viu-se expulsa por sua mãe, da propriedade que significava tudo para Stephen, parte substancial de sua construção enquanto sujeito. Porém, nada mais poderia ser feito, uma vez que o envolvimento com uma estrangeira casada, Ângela Crosby, que fora morar temporariamente naquela região, expôs a vida de Stephen de uma forma violenta, e desde a morte do seu pai, há mais de dez anos, Stephen não tinha sentido tão sem chão como naquele momento. Deixando tudo para trás, levando consigo a força que algumas pessoas

teimam em possuir, apenas a sua cuidadora e amiga inseparável: srta. Pudle. O destino seria Londres, onde seguindo os conselhos da sua professora/ cuidadora Pudle, deveria lançar mão da própria vida e tentar deixar explodir o vulcão que sempre esteve prestes a entrar em erupção.

Diferentemente da primeira experiência em solo londrino, onde Stephen e sua mãe tinham ido a férias, e saindo sozinha à procura de uma joalheria Stephen pode não apenas perceber os olhares de estranheza direcionados a sua pessoa, como também ouvindo algumas conversas ao pé do ouvido em relação aos seus modos de vestir e até mesmo a dúvida quanto a sua identidade, se homem ou mulher. Essas atitudes tão vis e cruéis sempre perturbavam-na um pouco. Mas agora seria diferente, ela estava em Londres para morar, ser definitivamente alguém daquela cidade, ocuparia um espaço que um dia poderia chamar de seu também, assim como os demais londrinos. A escritora veio à tona e com ela algumas mudanças como o corte do cabelo, o modo de vestir-se, que agora Stephen fazia à sua maneira, sem preocupação alguma em justificar seus modos de se portar a quem quer que seja, e longe dos olhares de sua inquisidora mãe, foi tomando forma e deixando fluir suas vontades:

A vida já ensinara a Stephen uma coisa, isto é, que não se deve deixar que as criaturas humanas desconfiem ou percebam que a gente as receia. O medo de um é o estímulo de muitos, pois o primitivo instinto de dar caça aos outros dificilmente morre, e é melhor fazer face ao mundo do que lhe virar o dorso um momento que seja” (HALL, 1974, p. 244).

Mais uma vez o isolamento, a partida, o atirar-se ao desconhecido apoderou-se de Stephen e ela não poderia dizer não. Sua vida em Londres não mais seria possível, pois mesmo estando distante de Morton, vivia sob vigilância disfarçada de sua mãe, morava e vivia de acordo com as orientações maternas impostas à época da expulsão de Morton. Para Stephen isso não poderia continuar, uma vez que era agora a sua vida profissional que estava em jogo. Se seu primeiro romance foi um sucesso, pois através dele Stephen conseguiu expulsar tantos demônios que a aterrorizavam, agora um deles, sua mãe, permanecera e era urgente e vital acabar de vez por todas com esse tormento. A ruptura total a tudo que lhe ligava a Morton ocorreu. Paris era seu próximo destino.

Paris. Novas nuances, novas paisagens, e a premissa de poder ser ela mesma, liberta não apenas da sua mãe, mas de todos os sentimentos que a ela estavam associados. As possibilidades de novas amizades e novas formas de viver começaram a tomar corpo na vida de Stephen. Por ser uma escritora de renome, fazia parte de um grupo seletivo de artistas,

intelectuais e escritores que iam-se tornando mais e mais próximos em decorrência das profissões e como algo natural, vão se firmando novas relações.

Então veio a guerra e com ela mudanças até então sem chances de tornarem-se realidade para alguém autodenominada invertida. A guerra começou a possibilitar a Stephen a ideia fixa de seguir para frente de guerra, mesmo sendo negado às mulheres servir nas trincheiras de linha de frente. Então Stephen entregou-se de corpo e alma ao serviço que era dispensado às mulheres, acudindo dessa forma ao apelo do país, onde talvez jamais seriam esquecidas por esse ato de solidariedade. Essa oportunidade dada às mulheres servia de acalento para Stephen. “A guerra e a morte lhes deram um direito à vida, e a vida tinha um gosto bom, quase doce, jamais amargo (...) nunca mais se submeteriam, tais mulheres, a serem enxotadas para seus buracos e recantos (...)”. (HALL, 1974, p. 311).

Fim de guerra, porém não final de linha para Stephen que retorna da guerra acompanhada por Mary, uma relação que para os padrões daquela Paris do pós-guerra soava estranheza, no entanto, ambas resolveram vive-la. Morando juntas, muito embora em quartos separados, Stephen e Mary existiam uma para outra.

Havia muitíssimas nas suas mesmíssimas condições, mesmo ali em Paris, e em todas as cidades. E essas não viviam absolutamente sacrificadas, sacrificando seus corpos, embrutecendo seus cérebros, tornando-se vítimas de suas próprias frustrações. Muito pelo contrário, levavam vida natural (...) (HALL, 1974, p. 343).

A vida noturna de Paris propôs muitas novidades a ambas, uma vez que essa cidade, mais precisamente suas noites, oferecia inúmeras possibilidades de divertimento e socialização, entre outras pessoas as quais Stephen percebia valores além da sua “inversão”. Uma Paris com seus bares diversos, como o Le Narcise, que ao primeiro contato, Stephen surpreendeu-se por parecer mais uma prosaica reunião familiar. Mais tarde, no entanto, estava cheia de fregueses, gente acostumada com a vida noturna que somente houvesse badalado meia-noite nos relógios das igrejas de Paris, aventuravam-se pelas suas ruas.

Vale ressaltar que os ambientes que impressionavam pela singularidade dos frequentadores, mais pareciam esconderijos, onde se comercializavam drogas, com a morte, com o rebanho vencido dos homens, abominados pelo mundo, eram abominados por eles mesmos, sem qualquer salvação. Era essa a percepção que vai sendo narrada por Stephen, uma mudança de ótica, certa amplitude no olhar. Mas tudo isso era uma questão de escolhas, para todo aqueles que sentiam-se confortáveis nesses ambientes estigmatizados:

(...) muitos se tornam insensíveis, muitos outros se tornam vis, mas tudo isso não passa de desespero (...). No entanto, aí fora existe gente feliz que dorme o sono dos chamados justos e direitos. E, quando acordarem, será para perseguir aqueles que, por causa de uma falta que não é absolutamente deles, foram postos à margem desde o dia em que nasceram, ficando privados de toda simpatia e compreensão (...). Esta gente que dorme essa hora é insensata, essa gente feliz (...) E quem há (...) capaz de obrigar essa gente refletir? (HALL, 1974, p. 442).

Podemos perceber através das experiências vividas por Stephen Gordon, adentrar nos embates que circundam a vida de um ser que sente-se, percebe-se e mais intensamente se denomina um ser “invertido”, expressão muito corrente entre fins do século XIX e começo do XX para se referir à pessoas com práticas da sexualidade entre iguais (homossexuais e lésbicas). Porém nossa abordagem pretende ir além dessa constatação. Pretendemos ultrapassar paredes invisíveis, que nem sempre deixam entrever os meandros da experiência com a diferença, com quem é/ pensa/sente diferente, do incomum que insiste em permanecer visível, mesmo com todos os investimentos que são feitos para silenciá-lo, inibi-lo, dizimá-lo.

A análise obtida através da obra *O Poço da Solidão* nos permitiu observar como a construção dos sujeitos está atrelada aos espaços que estes podem/devem ocupar. Esses espaços são utilizados/apropriados/praticados de formas variadas por cada indivíduo. No caso particular deste trabalho, a personagem principal do romance **O Poço da Solidão**, Stephen Gordon, é narrada como uma mulher que desde sua mais tenra idade percebia-se ‘diferente’, e praticava os mais variados espaços por onde transitou, na tentativa de construir sua poética do sujeito.

Das angústias e inquietações vivenciadas em Morton, passando pelo isolamento e solidão na sua prática da escrita literária em Londres, chegando aos encontros com “os outros” que eram seus ‘iguais’ em Paris, a escritora Radclyffe Hall constrói sua teia narrativa ampliando os contornos definidos e esperados para sua personagem principal: Stephen Gordon é considerada uma “invertida”, mas ela é MUITO MAIS que isso. E foi em suas caminhadas pela cidade, especialmente Paris, que a personagem pode sentir, criar, experimentar outros significados para o desejo/amor entre mulheres. Era sua poética do sujeito: caminhadas pela cidade...

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

BUTLER, Judith. Variações sobre sexo e gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault”. In: Seyla Benhabib e Drucilla Cornell (coord.). In. **Feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1987.

\_\_\_\_\_. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo”. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Guacira Lopes Louro (org.). 1ª Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 1999.

CAVALCANTE, Ilane Ferreira. MORAIS, M. Arisnete Camara de. **Uma História da Mulher na Obra de Lygia Fagundes Telles**. In. [http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/065\\_ilane.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe1/anais/065_ilane.pdf) > Acesso em out. 2014.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1998.

HALL, Marguerite Radclyffe. **O Poço da Solidão**. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1974.

LESSA, Patrícia. O que a história não diz não existiu: a lesbiandade em suas interfaces com o feminismo e a história das mulheres. In. **Revista Em Tempo de Histórias**, n. 7, 2003.

LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana Vilodre. (organizadoras). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PINTO, Cristina Ferreira. O desejo lesbiano no conto de escritoras brasileiras contemporâneas. In. **Revista Iberoamericana**. Vol. LXV, num. 187, abr-jun 1999; 405 – 421.

SANTOS, Giceli Ribeiro dos. A Relação Homoerótica Feminina na Literatura Brasileira. In. **Anais do IX Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e V Encontro Latino Americano de Pós-Graduação – Universidade do Vale do Paraíba**. 2005.

SWAIN, Tania Navarro. Lesbianismo: identidade ou opção eventual? In. **Fronteiras de Gênero**. Simpósio Nacional da Associação Nacional de História (20: 1999: Florianópolis) História: fronteiras. Associação Nacional de História. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP: ANPUH, 1999.

\_\_\_\_\_. **O que é lesbianismo**. São Paulo: Brasiliense, 2000. (Coleção Primeiros Passos).

VIEIRA, Kyara Maria de Almeida. **“Onde estão as respostas para as minhas perguntas”?: Cassandra Rios – a construção do nome e a vida escrita enquanto tragédia de folhetim (1955-2001)**. (Tese de Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco. Recife-PE. 2014.